

Editorial v10n2

Sofia Sampaio, Rui Lopes, Arlindo Horta, Patrícia Sequeira Brás e Tiago Fernandes

Num contexto de celebração – os 10 anos da *Aniki* – escolhemos começar este editorial com uma homenagem aos nossos autores, que desempenham um papel central na vida desta revista. Sem autores a *Aniki* não existiria. Foi a pensar nos autores que organizámos, no passado dia 3 de Junho, a primeira oficina *Aniki* no âmbito do XII Congresso Internacional da Associação de Investigadores da Imagem em Movimento (AIM), que teve lugar na UTAD, em Vila Real, com o objectivo de esclarecer os participantes sobre o funcionamento interno da revista e o processo de submissão e publicação de textos. Conforme estabelece a nossa “Declaração de Ética e Más Condutas na Publicação”, que recentemente reformulámos, a *Aniki* é uma publicação aberta a contributos de todo o mundo, desde que os mesmos se situem dentro do escopo editorial da revista e cumpram as suas normas de publicação.¹ Não existem restrições de grau académico e as várias secções estão receptivas a trabalhos da autoria de estudantes ou investigadores em início de carreira.

Serão particularmente bem acolhidas as críticas de festivais e mostras de cinema ou exposições e espectáculos que incluam imagens em movimento; as resenhas críticas de livros recentes ou reeditados; e as apreciações críticas de congressos, painéis temáticos, colóquios e seminários que “tomem o pulso” desses encontros e contribuam para a perscrutação, reflexiva e fundamentada, de tendências académicas actuais e emergentes.

Sobre o número que agora lançamos, é com grande satisfação que apresentamos o dossier temático “As Crises da Exibição Cinematográfica”, organizado pelos editores-convidados Rafael de Luna

¹ Veja-se o ponto 2.1. da “Declaração de Ética” em: <https://aim.org.pt/ojs/index.php/revista/pems>.

Freire, da Universidade Federal Fluminense, Charlotte Orzel e Ross Melnick, estes últimos da Universidade da Califórnia, Santa Barbara. Várias edições da *Aniki* já haviam tratado, de uma maneira mais ou menos focada, a questão da exibição. Logo no primeiro número, encontramos um dossier temático dedicado à “cinefilia digital”, a que se seguiu, um ano depois, um outro sobre “cinema expandido”. Mas não deixa de ser curioso que só no vigésimo número da *Aniki* – que é este – o tema tenha, finalmente, o destaque que merece, a ponto de trazer para a capa esse símbolo máximo da prática exibidora: o espaço de exibição colectiva que conhecemos pelo nome da coisa que exhibe, o *cinema*. A imagem da capa ilustra um dos cinemas mais famosos dos Estados Unidos, o Rodgers, situado no Missouri; mas este tipo de edifício seria reconhecível em qualquer parte do mundo.² Apesar de a pandemia de COVID-19 ser a grande referência da ‘crise’ que consta no título deste dossier – a introdução descreve-a como “a crise existencial mais dramática nos quase 130 anos de história da exibição de filmes em sala” (nossa tradução) –, a crise é-nos apresentada como condição permanente deste sector. O mesmo se pode dizer da resiliência (e persistência) da sala de cinema, mesmo em tempos de “transição digital” massiva como os que estamos a viver.

É o que podemos ler na entrevista realizada por Charlotte Orzel e Ross Melnick (dois dos editores do dossier) a Jackie Breneman, vice-presidente executiva da National Association of Theater Owners (NATO), e Bryan Braunlich, diretor da Cinema Foundation, duas organizações activas nos EUA. Os dois entrevistados oferecem-nos um testemunho em primeira mão do impacto que a pandemia teve nos sectores norte-americanos da distribuição e exibição cinematográficas, e na respectiva resposta dos profissionais e proprietários de cinemas ao longo dos anos de 2020 a 2022. É um contributo importante para a história oral deste período, e o complemento certo para o dossier temático desta edição.

O número abre com dois ensaios relacionados com o Brasil, mas com focos bastante diferentes: no primeiro, Mariana Baltar analisa a abordagem ao corpo (especialmente no que toca a género e racialização) no cinema brasileiro contemporâneo de cunho mais autoral a partir do

² Datada de 2008, a fotografia é da autoria de Michael Gäbler e está disponível, em acesso aberto, sob uma licença Creative Commons em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Rodgers_Theatre,_204-224_N._Broadway_Street,_Poplar_Bluff,_Mo._USA.jpg#globalusage.

conceito de ‘cinema de atrações’; no segundo, de Peter W. Schulze, as representações fílmicas do género musical *choro* servem de ponto de partida para abordar o desenvolvimento de estruturas transmediáticas em indústrias culturais transnacionais.

Na secção das resenhas, Morgana Gama de Lima apresenta uma resenha crítica do livro *Cinema in the Arab World: New Histories New Approaches* (2023) de Ifdal Elsaket, Daniel Biltereyst e Philippe Meers, admitindo a existência de algumas publicações sobre cinema árabe e os seus realizadores, mas identificando lacunas no campo dos estudos dedicados a este cinema relativas ao contexto de produção e à recepção dos filmes. Por essa razão, a autora defende que o livro oferece não apenas um conjunto de filmografias ainda pouco abordadas, mas também uma abordagem nova aos estudos de cinema árabe, recorrendo a uma vertente metodológica – a “new cinema history” – que tem em conta especificidades contextuais do cinema, inclusive a recepção das audiências com recurso à história oral e a registos disponíveis em arquivos.

A secção ‘Exposições e Festivais de Cinema’ traz-nos duas exposições: a *Premium Connect*, de Tabita Rezaire, apresentada no Batalha Centro de Cinema, no Porto; e a *Feixe de Luz: Escultura Projetada, Cinema Exposto*, com curadoria de Andreia Magalhães, que esteve patente ao público no Centro de Arte Oliva, em São João da Madeira. Os dois textos, de Sara Castelo Branco e Joana Guerra Tavares, respectivamente, ilustram bem como artistas e curadores têm vindo a adoptar o cinema e as imagens em movimento como matéria de criação. O último texto, de Catarina Maia, debruça-se sobre a secção “Outros Olhares” do Festival Caminhos do Cinema Português, conhecido evento cinéfilo da cidade de Coimbra que teve, em 2022, a sua 28.^a edição.

Terminamos este editorial com um convite à participação no Encontro de Editores de Revistas Académicas em Ciências Sociais e Humanas que a *Aniki* está a organizar como forma de assinalar o seu 10^o aniversário. Trata-se de um evento de entrada livre que vai ter lugar na Biblioteca Nacional (BN), em Lisboa, no dia 10 de Outubro 2023.³ Apareçam.

³ O programa pode ser consultado na agenda da BN, em: www.bnportugal.gov.pt.